

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

KARLA MORGANA PALHANO DOS SANTOS

A PESCA DA TAINHA COMO INCENTIVO TURÍSTICO NA ILHA DO MEL
(PARANÁ)

PONTA GROSSA

2025

KARLA MORGANA PALHANO DOS SANTOS

A PESCA DA TAINHA COMO INCENTIVO TURÍSTICO NA ILHA DO MEL
(PARANÁ)

Trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado para obtenção do título de Bacharel em Turismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa UEPG, Curso de Turismo.

Orientadora: Dra. Valéria de Meira Albach

PONTA GROSSA

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, que sempre foi meu maior exemplo de dedicação e força. Seu amor incondicional, paciência e incentivo foram fundamentais em todos os momentos desta jornada acadêmica. Cada palavra de encorajamento e cada gesto de cuidado me deram motivação para seguir adiante e acreditar na realização deste sonho.

À minha irmã e ao meu cunhado, deixo meu reconhecimento sincero pelo apoio constante durante a busca pelo tema e, especialmente, durante o período da pesquisa em campo. A presença, o incentivo e a ajuda prática de vocês foram essenciais para que eu pudesse realizar cada etapa deste trabalho com segurança, tranquilidade e confiança. Essa parceria não apenas contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa, mas também fortaleceu ainda mais nossos laços familiares.

Manifesto minha mais profunda gratidão à minha orientadora, Professora Valéria, por toda a orientação, paciência e dedicação. Sua experiência, sensibilidade e incentivo foram determinantes para que este trabalho fosse construído com qualidade e propósito. Agradeço também à Professora Sandra, pela valiosa colaboração ao longo do processo de pesquisa, pelas sugestões e pelo apoio acadêmico que tanto contribuíram para o aperfeiçoamento deste TCC.

Aos demais professores do curso, agradeço pelas aulas, pela partilha de conhecimento e pelo incentivo constante, que foram fundamentais para o meu amadurecimento acadêmico e pessoal. Cada contribuição, direta ou indireta, teve papel importante na formação da profissional que hoje me torno.

Aos meus colegas de classe, deixo meu agradecimento pelo companheirismo, pelas trocas de experiências, pelas conversas e pelo apoio mútuo nos momentos de maior dificuldade. Compartilhar essa etapa ao lado de vocês tornou a caminhada mais leve e significativa, e cada memória construída permanecerá como parte importante da minha trajetória.

Este trabalho é resultado de um esforço coletivo, construído com o apoio, o carinho e a confiança de todas as pessoas que acreditaram em mim. A cada um que fez parte dessa jornada, deixo meu mais sincero agradecimento e reconhecimento.

RESUMO

Este trabalho analisa a Pesca Artesanal da Tainha na Ilha do Mel, litoral do Paraná, como prática tradicional de grande relevância cultural, social e ambiental. A pesquisa buscou compreender de que forma essa atividade pode contribuir para o fortalecimento do turismo de base comunitária (TBC) na região. A metodologia envolveu pesquisa descritiva e qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas junto a pescadores locais, selecionados por conveniência e indicação da comunidade. Os resultados revelaram que a pesca da tainha representa não apenas subsistência, mas também um marco identitário e simbólico, que pode ser ressignificado como atrativo turístico. Contudo, foram identificados desafios como a falta de organização coletiva e de apoio institucional. Iniciativas como o evento “Caminhos da Tainha” mostram o potencial de integrar turismo e tradição. Conclui-se que a valorização da pesca artesanal pode impulsionar o turismo comunitário, desde que conduzido com protagonismo local, políticas participativas e respeito às práticas culturais.

Palavras-chave: Pesca artesanal; Turismo de Base Comunitária; Ilha do Mel.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	5
2	METODOLOGIA	8
3	LOCAL DE ESTUDO: CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NA ILHA DO MEL, PARANÁ	10
3.1	A PESCA DA TAINHA NA ILHA DO MEL, PARANÁ	15
4	TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	19
4.1	TURISMO DE BASE COMUNITARIA E COMUNIDADES PESQUEIRAS NO BRASIL	22
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO: POTENCIAL DA PESCA DA TAINHA PARA O TBC	24
5.1	A PESCA COMO TRADIÇÃO, SUSTENTO E IDENTIDADE COLETIVA	27
5.2	O OLHAR DA COMUNIDADE SOBRE O TURISMO: OPORTUNIDADES E RISCOS PERCEBIDOS	29
5.3	A ABERTURA DA COMUNIDADE AO TBC	31
5.4	SÍNTESE COMPARATIVA: CONSENSOS, DIVERGÊNCIAS E IMPLICAÇÕES	33
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERENCIAS	37
	APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	41

1 INTRODUÇÃO

A Ilha do Mel, localizada no litoral do Paraná e pertencente ao município de Paranaguá, é reconhecida por suas paisagens naturais preservadas, pela presença de comunidades tradicionais e por uma rica herança cultural, na qual a pesca artesanal da tainha ocupa papel central. Essa prática, realizada entre os meses de maio e julho, transcende a dimensão econômica: representa um símbolo de identidade, resistência e continuidade dos modos de vida caiçaras. Durante a temporada, a ilha se transforma em um espaço de intensa mobilização coletiva: vigias, pescadores, cozinheiras e famílias inteiras se unem em torno de uma tradição transmitida por gerações, que fortalece os laços de solidariedade e o sentimento de pertencimento à comunidade (JBLITORAL, 2024).

Mais do que uma atividade produtiva, a pesca da tainha constitui um patrimônio imaterial que expressa a relação equilibrada entre o homem e o ambiente marinho. Seu valor cultural e simbólico revela o modo como o conhecimento tradicional, aliado às técnicas e ao respeito ao ciclo natural dos peixes, contribui para a preservação das práticas sustentáveis e para o fortalecimento da memória coletiva local.

O turismo na Ilha do Mel, consolidado nas últimas décadas, baseia-se principalmente no modelo de turismo de sol e praia, atraindo milhares de visitantes anualmente, especialmente durante o verão. A ilha, por suas belezas naturais, acesso restrito e ausência de veículos automotores, tornou-se um dos principais destinos turísticos do Paraná (VIAJE PARANÁ, 2019). No entanto, essa intensa movimentação turística, concentrada em poucos meses do ano e focada em experiências de lazer convencionais, tem gerado impactos significativos sobre o meio ambiente e sobre a dinâmica sociocultural das comunidades locais.

A sazonalidade, o aumento do custo de vida, a descaracterização cultural e a pressão sobre os recursos naturais são alguns dos desafios enfrentados pelos moradores, que muitas vezes não se beneficiam diretamente da atividade turística. Diante desse cenário, surge a necessidade de repensar o modelo de

turismo vigente, buscando alternativas que promovam o equilíbrio entre a conservação ambiental, a valorização cultural e o bem-estar das comunidades.

É nesse contexto que o Turismo de Base Comunitária (TBC) se apresenta como uma proposta viável e necessária. O TBC é uma modalidade de turismo pautada na valorização da cultura local, no protagonismo da comunidade e na sustentabilidade social, econômica e ambiental, permitindo que os visitantes vivenciem de forma imersiva o cotidiano dos moradores e suas tradições (Becattini, 2023). Quando associado à pesca artesanal da tainha, o TBC assume um papel de mediação entre tradição e turismo, possibilitando que os visitantes compreendam o significado cultural da atividade e participem de experiências autênticas que envolvem o território, o trabalho coletivo e a história viva da Ilha do Mel.

Segundo Irving (2015), o turismo de base comunitária tem um potencial transformador, pois favorece a coesão social, o fortalecimento dos laços comunitários e o sentimento de pertencimento. Esses valores se alinham de maneira profunda à própria lógica da pesca da tainha, que depende da união, da colaboração e do comprometimento coletivo para acontecer. Assim, a integração entre turismo e pesca artesanal pode representar uma alternativa concreta para a promoção de um turismo mais justo, inclusivo e sustentável.

Na Ilha do Mel, a Pesca da Tainha destaca-se como uma prática tradicional profundamente enraizada na cultura caiçara¹. Realizada entre os meses de maio e julho, período de baixa temporada, a pesca mobiliza grande parte da comunidade local, desde os vigias posicionados nos morros até os pescadores, cozinheiras e demais envolvidos no processo. Tal prática, além de sustentar economicamente as famílias, resgata saberes ancestrais e fortalece os vínculos sociais e culturais entre os moradores (Jblitoral,2024).

¹ A cultura caiçara constitui-se como complexo sociocultural tradicional do litoral sudeste e sul do Brasil, formado a partir da interação entre povos indígenas, colonizadores portugueses e populações africanas. Sua base identitária está ligada à pesca artesanal, à agricultura de pequena escala e ao extrativismo, práticas profundamente conectadas ao ambiente costeiro e à Mata Atlântica (Adams, 2000).

O presente trabalho propõe-se a analisar a pesca artesanal da tainha como potencial atrativo turístico e cultural na Ilha do Mel, compreendendo de que forma essa tradição pode ser reconhecida e valorizada como parte integrante do desenvolvimento local. Justifica-se pela importância de compreender a pesca não apenas como uma atividade econômica, mas como um elemento estruturante da identidade caiçara e um elo entre cultura, território e turismo sustentável.

Diante disso, formulou-se a seguinte pergunta-problema: a pesca da tainha pode ser entendida como um potencial atrativo turístico de base comunitária na Ilha do Mel? O objetivo geral deste estudo é analisar a pesca da tainha como um atrativo turístico de base comunitária, e, como objetivos específicos: caracterizar a pesca da tainha como um elemento cultural na Ilha do Mel e demonstrar como essa prática pode incentivar o turismo de base comunitária.

Ao investigar como essa tradição pode se tornar um atrativo turístico sem perder sua essência, este estudo busca ampliar o debate sobre turismo e cultura, oferecendo subsídios para práticas mais justas, participativas e alinhadas à sustentabilidade cultural. Dessa forma, pretende-se contribuir para que a pesca da tainha seja reconhecida como uma prática viva e essencial para o fortalecimento da identidade local e para a construção de novos caminhos no turismo da Ilha do Mel.

A partir desta introdução, o Capítulo 2 descreve a metodologia utilizada na pesquisa, detalhando a abordagem adotada e os procedimentos de coleta e análise dos dados. O Capítulo 3 trata especificamente da pesca da tainha na Ilha do Mel, contextualizando sua relevância cultural, social e ambiental, bem como as transformações que a prática sofreu ao longo do tempo. O Capítulo 4 discute o turismo de base comunitária e as comunidades pesqueiras no Brasil, relacionando experiências e práticas que podem inspirar ações locais. Por fim, o Capítulo 5 apresenta os resultados e as discussões da pesquisa de campo, reunindo as percepções da comunidade e refletindo sobre o potencial da pesca da tainha como elo entre cultura, turismo e desenvolvimento sustentável.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é caracterizada como qualitativa, ou seja, não visou dados quantitativos, mas sim entender o fenômeno estudado, baseada da redução, categorização e interpretação dos dados (Gil, 2002). A pesquisa é de caráter exploratório e descritivo. A pesquisa exploratória é aquela que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que este tipo de pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. O seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (Gil, 2002).

Trata-se de uma pesquisa descritiva, pois tem como objetivo primordial descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Sendo inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (Gil, 2002).

Desse modo, a pesquisa foi dividida em duas etapas. Em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que se caracteriza como o levantamento e a análise dos documentos publicados sobre o tema estudado com o intuito de atualizar, desenvolver e aprofundar o conhecimento (Bocato, 2006). Além disso, foi realizada uma pesquisa documental, ou seja, em materiais diversificados que não passaram por um tratamento analítico (Fonseca, 2002), utilizando, portanto, fontes primárias.

No referencial teórico, foi abordado o TBC, suas definições, características e impactos positivos. Também foi abordada a pesca artesanal, com foco na Pesca da Tainha, especialmente a que ocorre na Ilha do Mel. Busca-se, com isso, apresentar ao leitor uma absorção da cultura caiçara a partir da realização da Festa e da Pesca da Tainha. A Pesca da Tainha, além de manter viva uma tradição comunitária, constitui-se como importante fonte de renda durante o período de baixa temporada turística. Nesse contexto, a festa que celebra a atividade não apenas valoriza o aspecto cultural, mas também potencializa o dinamismo econômico local, atraindo visitantes e ampliando as

oportunidades de geração de recursos para os moradores. Também nessa seção, é apresentada a contextualização da Ilha do Mel enquanto destino turístico.

Em um segundo momento, foi realizada a pesquisa em campo, durante a qual a pesquisadora realizou uma imersão no ambiente de pesquisa (Ilha do Mel). Essa etapa foi realizada durante os dias 18 e 19 de julho de 2025. Esse período foi selecionado por coincidir com a temporada da Pesca da Tainha e das manifestões culturais relacionadas, (junho e julho). Nesse momento, foram utilizadas as técnicas de observação não-participante.

A observação não-participante é aquela quando o observador não pertence ou não participa do grupo de observadores, evitando qualquer tipo de interação com este grupo. A observação também obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade. Esta técnica é denominada observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle. Geralmente este tipo de observação é empregado em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado (Boni; Quaresma, 2010).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pescadores, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno e as dinâmicas da Pesca da Tainha, bem como verificar, a partir dos relatos, a existência de fluxos turísticos durante os períodos e nos locais de pesca. Os entrevistados foram selecionados de forma informal, por meio da convivência e da escuta ativa no território, mas também com base na conveniência e na indicação de moradores locais, que sugeriram nomes de pessoas reconhecidas por seu envolvimento direto com a prática pesqueira tradicional. Não houve identificação dos participantes no trabalho, a fim de preservar seu anonimato e respeitar os princípios éticos da pesquisa.

As entrevistas seguiram um roteiro composto exclusivamente por perguntas abertas, com o intuito de proporcionar liberdade para que os participantes compartilhassem suas vivências, percepções e opiniões. As questões abordaram temas como o significado da Pesca da Tainha para a

comunidade, a relação entre essa prática e o turismo, e os impactos percebidos com a presença de visitantes. Entre as perguntas formuladas, destacam-se:

1. Como é, para você, participar da Pesca da Tainha?
2. O que essa atividade representa na sua vida e na vida da comunidade?
3. Você acredita que os turistas demonstram interesse em conhecer a Pesca da Tainha? Por quê?
4. Na sua opinião, o que pode ser feito para que o turismo valorize a tradição sem prejudicá-la?
5. Você se sentiria à vontade em compartilhar sua experiência com os visitantes?
6. O turismo já impactou, de alguma forma, a prática da pesca tradicional aqui na Ilha?
7. Que tipo de participação você gostaria de ter se a pesca se tornasse um atrativo turístico?

O roteiro foi conduzido de forma flexível, permitindo que os entrevistados se expressassem livremente, em um ambiente acolhedor e respeitoso, com linguagem acessível e tom semelhante ao de uma conversa informal (Boni; Quaresma, 2010). Os registros foram realizados por meio de gravação de voz, feitas pelo celular da pesquisadora, e contaram com a participação de quatro entrevistados, em encontros ocorridos na própria comunidade da Ilha do Mel.

Para preservar a identidade dos participantes, neste trabalho os depoimentos coletados serão apresentados de forma anônima. Assim, cada pessoa entrevistada foi identificada como morador 1, morador 2, morador 3 e assim sucessivamente, respeitando os princípios éticos da pesquisa acadêmica.

3 LOCAL DE ESTUDO: CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NA ILHA DO MEL, PARANÁ

A Ilha do Mel está localizada no litoral do estado do Paraná (figura 1), pertencente ao município de Paranaguá. Situada na entrada da Baía de Paranaguá, a Ilha integra um importante complexo costeiro com aproximadamente 180 km de perímetro, cercado por áreas de Mata Atlântica e

próximo à Serra do Mar. Essa região é considerada o berço da formação histórica da comunidade paranaense e abriga o principal canal de acesso ao terceiro maior conjunto portuário do Brasil. A gestão ambiental da Ilha do Mel está sob responsabilidade do Instituto Água e Terra (IAT), conforme estabelece o Plano de Controle Ambiental (2018).

Figura 1 figura de localização da Ilha do Mel



Fonte: Google imagens

A Ilha do Mel é um dos principais destinos turísticos do litoral do Paraná, destacando-se por suas paisagens naturais preservadas, áreas de conservação ambiental e patrimônio histórico-cultural. Com acesso restrito e proibição de circulação de veículos motorizados, a ilha oferece condições propícias para o ecoturismo e para práticas de turismo sustentável (Viaje Paraná, 2019). O território abriga duas unidades de conservação: a Estação Ecológica da Ilha do Mel (ESEC), voltada à preservação integral dos ecossistemas naturais, e o Parque Estadual da Ilha do Mel (PEIM), destinado também a proteção da natureza, mas devendo promover o uso público controlado, a pesquisa científica e à educação ambiental. Esses espaços protegem áreas de Mata Atlântica, restingas, manguezais, costões rochosos e praias com alto grau de conservação, contribuindo para a manutenção da biodiversidade local. Além de seus atrativos naturais, a ilha também conserva importantes elementos do patrimônio histórico-cultural paranaense, como o Farol das Conchas, construído

em 1872, e a Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, do século XVIII (figuras 2 e 3), que integram o imaginário turístico e a memória das comunidades locais.

Figura 2 e 3 Farol das Conchas(A) e Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres(B).



Fonte: a autora (2023).

O Plano de Manejo da Ilha do Mel é o principal instrumento de gestão das Unidades de Conservação que compõem o território insular. Elaborado pelo IAT, ele define diretrizes, zoneamentos e normas para o uso e a ocupação do solo, buscando garantir a conservação ambiental e a compatibilização entre a preservação dos ecossistemas e as atividades humanas. Esse plano orienta o manejo da ilha, estabelecendo o que pode ou não ser realizado em cada área, de modo a assegurar a proteção dos recursos naturais, a manutenção da biodiversidade e a qualidade de vida dos moradores. Além disso, o documento serve como base para o ordenamento do turismo e das práticas culturais e econômicas locais, promovendo o desenvolvimento sustentável e o uso responsável do território, respeitando as limitações impostas pelas Unidades de Conservação, como a Estação Ecológica da Ilha do Mel.

A população nativa da Ilha do Mel é formada por comunidades caiçaras. Uma comunidade cultural tradicional que atualmente vive em comunidades mistas, em que compartilham território com empreendimentos de turismo. Existem cinco comunidades na localidade.

Ao norte da Ilha do Mel está localizada a comunidade de Brasília, uma das principais portas de entrada para visitantes, onde se encontra um dos trapiches utilizados para o embarque e desembarque de turistas que chegam por barco a partir de Pontal do Sul ou Paranaguá. Trata-se de uma das áreas com maior concentração de infraestrutura turística, como pousadas, restaurantes e comércios voltados ao atendimento dos visitantes, além de serviços públicos essenciais. A comunidade mantém forte ligação com as atividades econômicas da Ilha, como o artesanato, o comércio local e o apoio às operações turísticas.

Já na comunidade do Farol, situada nas proximidades do Farol das Conchas, o destaque é a praia aberta ao mar, bastante procurada por praticantes de surf, devido às condições favoráveis das ondas. Além disso, a região é marcada pela presença de trilhas que ligam diferentes pontos da ilha, oferecendo ao visitante a possibilidade de contato direto com a natureza e com os modos de vida locais. A comunidade combina o apelo turístico das paisagens naturais com a vivência da cultura caiçara. De acordo com o Plano de Controle Ambiental da Ilha do Mel, elaborado pelo IAT, a comunidade de Nova Brasília (também denominada apenas Brasília) constitui um dos núcleos principais de desembarque e recepção de visitantes. Esse núcleo abrange, na prática turística e funcional, as áreas do Farol (Farol das Conchas) e da Fortaleza, reunindo infraestrutura de hospedagem, alimentação e serviços. Tal organização confirma que a comunidade de Brasília engloba o Farol e a Fortaleza no contexto do ordenamento turístico da ilha (IAT, 2018).

Por sua vez, na vizinhança da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, encontra-se a comunidade da Fortaleza, que é a menor entre as quatro principais localidades da Ilha do Mel. O local tem características mais residenciais e tranquilas, abrigando principalmente casas de veraneio e ocupações temporárias, utilizadas por famílias durante a alta temporada. Apesar do menor fluxo turístico em comparação com Brasília ou Farol, a comunidade da Fortaleza preserva a atmosfera típica das vilas litorâneas tradicionais, marcada pelo ritmo lento, pelo contato com a natureza e pela proximidade com o patrimônio histórico que dá nome ao local.

A comunidade de Ponta Oeste foi a mais afetada pelas limitações legais impostas desde a implementação da Estação Ecológica, uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral destinada à preservação do meio ambiente e à conservação dos ecossistemas locais. Essa categoria de UC restringe o uso direto dos recursos naturais, o que impactou significativamente as atividades tradicionais da comunidade. A comunidade de Ponta Oeste já foi mais populosa, abrigando famílias caiçaras que se dedicavam à pesca e a atividades de subsistência. Entretanto, com a criação da Estação Ecológica da Ilha do Mel em 1982, categoria de Unidade de Conservação de proteção integral que restringe a permanência de populações humanas e o uso direto dos recursos naturais, houve um processo de deslocamento gradativo dos moradores. Atualmente, a população local encontra-se bastante reduzida, restando poucas famílias, o que evidencia o impacto das normas ambientais sobre a dinâmica social da região (IPHAN, 2012; IAT, 2018).

Por fim, a comunidade de Encantadas ou Prainhas, que é a que tem a maior concentração de nativos, nesta comunidade também acontece o embarque e desembarque de turistas, localizada na parte sul, essa comunidade também conta com uma boa infraestrutura e possui bares, pousadas, campings, restaurantes, mercado, escola, campo de futebol e um posto policial da Polícia Ambiental. O turismo é, juntamente com a pesca artesanal, a principal atividade econômica da localidade.

Embora a afirmação de Telles e Gândara (2009) destaca que o turismo na Ilha do Mel é, majoritariamente, convencional, de Sol e Praia, além de ecoturismo e sazonal, atualmente o cenário apresenta algumas mudanças. O turismo na Ilha do Mel continua a valorizar o Turismo de Sol e Praia. Além disso, o turismo cultural e de aventura tem ganhado espaço, atraindo um público diversificado durante o ano todo. Apesar disso, a sazonalidade ainda é um desafio, concentrando a maior parte dos visitantes nos meses mais quentes, embora esforços para incentivar o turismo em outras épocas estejam em andamento. Assim, as principais atrações turísticas da Ilha são as praias, como a Praia de Encantadas, a Praia de Fora (figura 4), Praia Grande e a Praia do Miguel (figura 5), onde também é realizada a Pesca da Tainha.

Figura 4 e 5 Praia do Miguel(A) e Praia de fora, ou Mar de fora (B).



Fonte: A autora (2025).

3.1 A PESCA DA TAINHA NA ILHA DO MEL, PARANÁ

Embora a Pesca da Tainha também seja realizada na forma industrial, no Sul do Brasil é expressiva a sua modalidade artesanal, realizada por pescadores em diferentes localidades. A pesca artesanal é o que se refere apenas à pesca amadora e a pesca profissional, considerando a atividade pesqueira como toda operação, ação ou ato que tende a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros (Souza, 2004).

De acordo com Silvano (1997), os pescadores artesanais mantêm contato direto com o ambiente natural, possuindo um conjunto de conhecimentos sobre a classificação, história natural, comportamento biológico e utilização dos recursos naturais do local onde vivem.

Para os pescadores, os trabalhos para a realização da pesca se iniciam com alguns meses de antecedência, pois eles precisam produzir as redes, fazer a montagem dos acampamentos, verificar se está tudo certo com as canoas e remos, entre outras coisas que serão necessárias no período da pesca.

Tudo precisa ser preparado para o momento em que os peixes começam a se direcionar para a costa, a pesca acontece nas Praias do Farol e a Praia do Miguel, alguns deles ficam na parte de cima do morro, observando, para identificar o instante em que os peixes se aproximam, ai então eles sinalizam para outros pescadores entrarem na água com a canoa, para então fazer o lançamento das redes ao alcance do cardume.

Na Ilha do Mel, a corrida da tainha é esperada com paciência pelos pescadores, a sua captura é feita de duas formas, os lanços e as camboadas² (figura 6). Cada uma com formas que requerem habilidades e apetrechos diferentes, bem como recursos humanos, horários e técnicas específicas (Nascimento, 2015).

Figura 6 Lanço



Fonte: A autora (2025).

² Na pesca artesanal, especialmente da tainha no litoral sul do Brasil, os termos lanço e camboa referem-se a técnicas tradicionais distintas. A pesca de lanço é uma técnica artesanal ativa utilizada no litoral sul do Brasil, na captura da tainha (*Mugil liza*), que consiste no lançamento manual de redes em meia-lua a partir da praia ou de pequenas embarcações. A prática possui relevância cultural e econômica para as comunidades locais (Silva, 2016). Já a camboa é uma técnica passiva, realizada com currais fixos feitos de esteiras de cana-brava ou telas, posicionados em estuários e manguezais para capturar peixes que entram mas não conseguem sair, exigindo amplo conhecimento do comportamento das espécies e do ambiente local (Santos, 2019)

Na Ilha a pesca de lanço é realizada durante o dia e reúne o maior número de pessoas. Tudo se inicia quando o espia identifica um cardume de tainha se aproximando da praia, com sua visão aguçada e sua experiência sobre o comportamento dos peixes possibilitam informações precisas que variam da quantidade ao tamanho dos peixes. Quem está responsável pela rede é o primeiro a receber as informações sobre o cardume, pelo rádio, vindas pelo espia, e por meio de sons específicos feitos com a boca, se é convocado todos os pescadores que estão presentes ali na praia a se manterem prontos. De forma rápida a canoa é colocada no mar, sendo tripulada pelos proeiros (movimentam a canoa) e chumbeiros³ (responsável por lançar a rede ao mar) (Nascimento, 2015).

As mulheres, crianças e turistas e outros pescadores aguardam na praia o momento de puxar a rede, ou mesmo entrar no mar para impedir as tainhas de escaparem do cerco. Depois de muito silêncio para o peixe não escapar do cerco é finalizado com muitos apaludos (Nascimento, 2015).

Segundo um dos moradores que ajuda a organizar a Pesca da Tainha: “A gente tem uma equipe formada para a pesca da tainha. Tem os espias ou vigias que ficam no topo do farol, tem o pessoal que faz a parte do lanço, que fica na canoa, tem os chumbeiros, proeiros. Muita gente envolvida. Tem até um pessoal que trabalha na cozinha preparando a alimentação dos pescadores. A gente vem mantendo nossa cultura local e é muito importante isso para nós, porque a época de maio a julho é de baixa temporada, ou seja, o número de turistas dentro da ilha é pouco. Então, a pesca da tainha é uma fonte de renda que nos ajuda a manter a ilha durante esses três meses” (JBLitoral, 2024).

Segundo Frigo (2018), a pesca da tainha mobiliza não apenas o saber técnico da pesca, mas também um sistema simbólico e cultural que envolve respeito à natureza, crenças populares, divisão de papéis e transmissão

³ Na pesca artesanal da tainha, proeiros são os pescadores responsáveis por conduzir a embarcação durante a pesca, garantindo posicionamento correto e segurança, enquanto chumbeiros são aqueles encarregados de lançar e manejar o chumbo da rede, permitindo que ela se estenda adequadamente na água para cercar os cardumes (Silva, 2016; Santos, 2019).

intergeracional de conhecimentos. Trata-se de um patrimônio imaterial que expressa a identidade de um povo e sua relação íntima com o território.

Ao ser incorporada como atrativo turístico dentro de uma lógica de base comunitária, a Pesca da Tainha pode promover renda, visibilidade e reconhecimento para a população da Ilha do Mel, sem renunciar à autenticidade e do cuidado com a tradição. Essa prática se mostra especialmente relevante durante a baixa temporada, atuando como estratégia de diversificação econômica e preservação cultural.

Além de seu papel econômico e cultural, a Pesca da Tainha na Ilha do Mel envolve um sistema tradicional de ocupação do território, organização social e saber técnico, que reflete a íntima relação entre a comunidade local e o ambiente costeiro. Conforme aponta o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), durante a temporada de pesca, os pescadores se instalam em acampamentos temporários nas praias, permanecendo até 45 dias em regime coletivo. Nesse período, é possível observar uma forte sociabilidade entre os participantes, caracterizada pela partilha de tarefas, convivência intergeracional e transmissão oral de conhecimentos (IPHAN, 2012).

A técnica utilizada para a pesca, como o lanço, exige atenção constante ao ambiente natural. Vigias posicionam-se nos morros com visão privilegiada do mar, utilizando sinais visuais e sonoros como bandeiras e buzinas para coordenar a entrada das canoas e o momento exato do lançamento das redes. O domínio das marés, das fases da lua e das correntes marítimas é essencial para o sucesso da captura, evidenciando um saber empírico transmitido entre gerações (IPHAN, 2012).

Ainda segundo o IPHAN (2012), o modo como os pescadores compartilham os recursos como os peixes capturados, os alimentos, as ferramentas e o próprio espaço dos acampamentos representa uma lógica de reciprocidade e coletividade. Esses aspectos tornam a pesca da tainha não apenas uma prática produtiva, mas também um patrimônio cultural vivo, com potencial para ser reconhecido e valorizado como atrativo turístico dentro das diretrizes do TBC.

Já a Festa da Tainha surgiu com o objetivo de fazer com que os nativos tivessem uma forma de atrair mais turistas para a Ilha, em uma época de baixa temporada e frio, desta forma os moradores podem obter uma renda melhor durante o inverno, já que a maioria dos pescadores vivem da pesca, colaborando para um reconhecimento maior, uma festa que resgata as festas tradicionais e a cultura da Ilha do Mel.

Uma festa que acontece há quase 27 anos, durante o inverno, na baixa temporada de turistas. Como a pesca é bastante tradicional, ela reúne todos os moradores da Ilha, com a Festa da Tainha é aproveitado para ser comemorado o dia do Pescador, no dia 29 de junho (Jblitoral, 2024). A Pesca da Tainha é uma prática ancestral profundamente enraizada na cultura caiçara do litoral paranaense, em especial na Ilha do Mel. Essa pesca artesanal, realizada entre os meses de maio e julho, envolve um sistema cooperativo e tradicional de trabalho, que articula pescadores, vigias, canoeiros, cozinheiras e demais membros da comunidade (Nascimento, 2015).

Nos últimos anos, a Festa da Tainha, realizada nos meses de junho ou julho, tem ganhado importância como evento turístico e cultural. O evento valoriza a pesca tradicional ao mesmo tempo em que oferece atividades como visitas guiadas aos acampamentos, degustações gastronômicas, apresentações culturais e rodas de conversa com os pescadores. Como observa Denkewicz et al. (2021), esse tipo de celebração fortalece a autoestima comunitária e a percepção do turista sobre o valor simbólico do patrimônio local.

4 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

O TBC surgiu emergente a pressão que o mercado turístico colocava para se ter segmentos como o ecoturismo e o turismo de forma étnica, surgiu também como algo necessário para a economia das comunidades (Maldonado, 2009). O TBC tem ganhado destaque como alternativa ao turismo convencional, promovendo práticas sustentáveis, equitativas e voltadas ao protagonismo das populações locais. Trata-se de uma forma de turismo que é planejada, gerida e operacionalizada pela própria comunidade, a qual se apropria dos meios de recepção e das narrativas culturais para oferecer experiências autênticas aos visitantes (Grimm; Sampaio, 2011).

“Durante muitos anos, a reflexão sobre o turismo de base comunitária, no Brasil, trazia em sua expressão um sentido marginal, periférico e até mesmo romântico, diante das perspectivas de um mercado globalizado e ávido por estatísticas e receitas” (Irving, 2015, p. 108).

O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento (Irving 2015).

O Turismo Comunitário não é apenas uma atividade produtiva, procura ressaltar o papel fundamental da ética e da cooperação nas relações sociais. Valoriza os recursos específicos de um território e procura estabelecer relações de comunicação/informação com agentes externos, entre eles e os visitantes. Considera, portanto, a existência de uma relação dialética entre os turistas e a comunidade receptora (Sampaio, 2006, p. 6).

De acordo com Silva, Malta e Sá (2016), o TBC é orientado por princípios de justiça social, valorização cultural, inclusão econômica e conservação ambiental, promovendo o empoderamento das comunidades e a circulação de renda local. Diferentemente do turismo massificado, que frequentemente ignora as dinâmicas e realidades locais, o TBC se fundamenta na participação coletiva, na escuta ativa e na partilha de saberes, possibilitando vivências imersivas e transformadoras.

Segundo Sampaio e Coriolano (2009), pensado como um projeto de desenvolvimento territorial sistêmico e sustentável, a partir da própria comunidade, na qual promove a convivencialidade (Illich, 1976) entre população originária residente e visitante. Sendo de base comunitária, o turismo fomenta a relação social entre modos de vida distintos, resgatando e reconstruindo o interesse pelo outro, pelo diferente, pela alteridade, pelo autêntico. Os socio-empresendimentos, inerentes a esta modalidade, fazem parte do arranjo produtivo local (APL).

O TBC é uma forma de turismo que normalmente é planejada e gerida e realizada pela comunidade local, o que permite que os visitantes consigam ter uma imersão de uma forma um pouco mais natural no cotidiano e na cultura dos moradores. O TBC garante que os lucros e o investimento e a mão de obra não

saiam da comunidade e fiquem ali para serem investidos de uma melhor forma, a partir dessa modalidade de turismo, o visitante tem a possibilidade de ser convidado a sentar-se na mesa dos familiares locais para compartilhar uma refeição feita com ingredientes típicos do local e até mesmo aprender algumas técnicas tradicionais de artesanato direto do morador, que são passadas de geração em geração (Becattini, 2023).

Desse modo, o TBC se apresenta como uma proposta de desenvolvimento local sustentável valorizando os costumes e as crenças da população, assumindo a posição de modelo de atividade turística na qual a comunidade é protagonista (Alves, 2013; Silva; Malta; Sá, 2016).

Essa forma de turismo não é só sobre visitar uma comunidade ou um atrativo, nesse formato é possível ter a experiência da troca de cultura e a forma de aprendizado de maneira compartilhada e estar vivenciando aquele momento com um morador local, o que seria a troca de saberes. Mas o TBC vai muito além da troca de vivências culturais, ele também tem um impacto social, sendo considerado uma forma de turismo que respeita tanto a comunidade e seus visitantes quanto o meio ambiente, com a comunidade como anfitriã e gestora das atividades ali realizadas, garante uma prática mais sustentável e com benefícios a longo prazo. Essa modalidade de turismo acolhe a participação social como compromisso central do planejamento e gestão da atividade quando diferentes membros de uma comunidade trabalham juntos, mediante diversos processos e acordos relacionais, a estrutura que emerge desta inter-relação se traduz na existência de uma rede (Burgos; Mertens, 2016).

As experiências turísticas ofertadas nesse modelo, como a hospedagem em casas de moradores, oficinas de artesanato tradicional, gastronomia típica e narrativas orais, fortalecem a identidade comunitária e os vínculos afetivos entre anfitriões e visitantes. Para Becaattini (2023), o TBC contribui diretamente para o desenvolvimento territorial, gerando empregos, incentivando o empreendedorismo local e permitindo que as comunidades mantenham autonomia sobre seus bens culturais e naturais.

Outro aspecto referente ao TBC é sua capacidade de geração de renda para as comunidades, sendo ela realizada através de uma hospedagem familiar,

visitação guiada pelos moradores ou até mesmo o artesanato sendo vendido no local, proporcionando a apresentação do trabalho das artesãs do local, permitindo que o dinheiro circule dentro da comunidade para ajudar no fortalecimento da economia local, proporcionando empregos e favorecendo a infraestrutura local (Becattini, 2023).

Por fim, o TBC pode proporcionar para uma comunidade a sua autonomia, para mostrar a sua cultura, passando a valorizar ainda mais sua identidade, suas tradições e costumes são compartilhados de uma forma mais prazerosa se tornando a parte integral da experiência turística, ajudando a estes momentos e histórias a se preservarem por diversas gerações, com que se orgulhem de fazer parte de tal comunidade (Becattini, 2023).

Mesmo com tantos pontos positivos no TBC também existem seus desafios, algumas comunidades não tem conhecimento necessário para gerir atividades eficazes para transformar sua comunidade em um local visitado e que contenha a contribuição da própria comunidade. O impacto cultural negativo também é um dos desafios do TBC, existem riscos de o contato com os turistas possam levar a perda da sua cultura e de suas práticas tradicionais. O ficar dependente do turismo também é algo muito arriscado (Becattini, 2023).

Na perspectiva de Burgos e Mertens (2016), o sucesso do TBC está diretamente relacionado à construção de redes colaborativas entre moradores, instituições públicas e privadas, garantindo a gestão participativa e a coesão social em torno dos objetivos coletivos.

Nesse contexto, os bens culturais materiais e imateriais se tornam ativos importantes para a criação de produtos turísticos de base comunitária. Esse é o caso da pesca artesanal.

4.1 TURISMO DE BASE COMUNITARIA E COMUNIDADES PESQUEIRAS NO BRASIL

Diversas experiências pelo Brasil reforçam o papel das comunidades pesqueiras na estruturação do TBC, especialmente em áreas protegidas ou de uso tradicional. Um exemplo emblemático são as Reservas Extrativistas Marinhas (RESEX), criadas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), que reconhecem o direito de uso coletivo de territórios

por comunidades tradicionais e incentivam atividades sustentáveis, como a pesca artesanal, o artesanato e o TBC (ICMBio, 2024).

Na RESEX Terra Grande-Pracuúba, no Pará, foram realizadas oficinas de capacitação e diagnósticos participativos com moradores ribeirinhos para identificar atrativos e estruturar roteiros comunitários voltados à cultura pesqueira e ao modo de vida local. Esse processo fortaleceu o protagonismo das comunidades e criou alternativas de geração de renda vinculadas à conservação ambiental e ao uso sustentável dos recursos (ICMBio, 2024).

No litoral do Ceará, a Praia de Ponta Grossa, localizada em Icapuí, desenvolveu um modelo de TBC voltado à pesca artesanal, à condução de trilhas e à interpretação ambiental. As atividades são organizadas por moradores que atuam como guias locais, valorizando o conhecimento tradicional sobre a biodiversidade marinha e a relação histórica da comunidade com a costa. O turismo local contribui para a proteção do território e para o fortalecimento das dinâmicas culturais, em especial entre mulheres e jovens (Diário do Nordeste, 2014).

Outros exemplos relevantes ocorrem na Costa Verde (RJ/SP), onde a Rede Nhandereko articula roteiros integrados entre comunidades caiçaras, indígenas e quilombolas, com vivências baseadas na pesca artesanal, nas casas de farinha, nos saberes tradicionais e nas narrativas locais (TACFRADE, 2023). No arquipélago do Marajó, no Pará, diferentes RESEX vêm implementando o TBC com apoio do ICMBio, através de encontros intercomunitários, intercâmbios de boas práticas e produção de planos de visitação elaborados com os próprios moradores (FUNBIO, 2023).

Essas experiências demonstram que a pesca artesanal, quando associada ao turismo de base comunitária, pode promover a valoriza o do território, a preserva o da cultura imaterial e a autonomia econômica das popula es locais. São iniciativas que reforçam o papel da comunidade como protagonista e guardiã dos seus próprios modos de vida, valores que também estão presentes na prática da Pesca da Tainha na Ilha do Mel.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO: POTENCIAL DA PESCA DA TAINHA PARA O TBC

A Pesca artesanal da Tainha na Ilha do Mel, constitui-se como uma das manifestações culturais mais significativas do litoral paranaense, carregando em si elementos que extrapolam a dimensão econômica e alcançam o campo simbólico, identitário e comunitário. Durante muito tempo, os pescadores e suas famílias vêm desenvolvendo saberes e técnicas específicas, transmitidos oralmente e aprendendo na prática, como a preparação das redes, o vigia do cardume. Tais práticas, como ressaltados pelos entrevistados, não apenas garante o alimento deles, mas também, consolidam um modo de vida baseada na cooperação, na solidariedade e na valorização das tradições ancestrais. Nesse sentido, a pesca pode ser entendida como patrimônio cultural imaterial, elemento da memória coletiva e da identidade local, cuja relevância está intimamente ligada à manutenção da coesão social e ao fortalecimento do sentimento de pertencimento.

Nas entrevistas, os moradores enfatizaram que a pesca é aguardada com expectativa todos os anos, representando não apenas um momento de trabalho, mas também de encontro e celebração da comunidade. O morador 1 relatou que “todo mundo espera essa época porque ela reforça o trabalho do ano inteiro”, evidenciando o caráter de complementariedade econômica. Ao mesmo tempo, o morador 2 destacou que “quem pesca junto reparte o peixe, é justo”, reforçando a dimensão ética da partilha e da equidade que orienta a prática. Essas falas exemplificam a lógica comunitária que rege a atividade, contrapondo-se a modelos individualistas do mercado e aproximando-se dos princípios da economia solidária (Diegues,2004). Assim a Pesca da Tainha mantém-se como símbolo de resistência cultural frente à crescente modernização e urbanização do litoral, preservando valores coletivos que se refletem nas relações sociais e familiares.

Quando se observa a interação entre pesca e turismo, os depoimentos revelam percepções ambivalentes. De um lado, a presença de turistas é vista como potencial oportunidade de valorização cultural, de outro, existem preocupações relacionadas à desinformação e ao desrespeito. Relatos de moradores indicam situações em que visitantes, por desconhecerem a dinâmica

da pesca, acabam interferindo no momento da puxada da rede, prejudicando anização coletiva. Como afirmou o morador 3, “já vi turista entrar no meio da puxada, pela falta de informação. Se tivesse uma explicação, uma placa, alguém para falar com eles, seria melhor”. Essa fala deixa explícito a ausência de estratégias de mediação cultural que ajudem o visitante a compreender que a pesca da tainha não é apenas uma atração visual, mas uma prática carregada de significados históricos e sociais. Sem esse processo de sensibilização, o turismo corre o risco de reduzir a pesca a espetáculo, em um processo de folclorização (Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009), esvaziando seu sentido comunitário.

Apesar das críticas, as entrevistas também revelam disposição em integrar o turismo de maneira respeitosa à prática pesqueira. O morador 4 destacou: “não sou contra mostrar a pesca pro turista, desde que seja do nosso jeito, com respeito. Não é só pescar, é tradição, é vida”. O morador 1 complementou: “mostrar como prepara a rede, como olha a tainha do morro, como divide depois. Tudo isso é tradição. Se o turismo ajudar a manter isso, melhor ainda”. Nestas falas é possível ver que a comunidade não é refratária ao turismo, mas busca protagonismo e respeito em sua condução, o que se alinha diretamente às premissas do TBC (Irving, 2015). Nesse modelo, os moradores assumem papel ativo na medição cultural, narrando suas histórias, transmitindo seus saberes e organizando a experiência turística a partir de suas próprias lógicas e valores.

Um exemplo concreto dessa articulação entre turismo e tradição é o evento “Caminhos da Tainha” (figura 7), promovido por um guia local durante o mês de junho. A atividade consiste em levar turistas a conhecer o cotidiano da pesca, observar os pontos de vigia, acompanhar a preparação das redes e compreender todo o processo que envolva a captura coletiva. Esse evento, embora ainda pontual e dependente de iniciativas individuais, mostra como o turismo pode ser uma ferramenta de valorização cultural, ao transformar a experiência do visitante em oportunidade de educação patrimonial e de fortalecimento da identidade comunitária. Inserido em uma perspectiva de TBC, o Caminhos da Tainha, poderia ser ampliado e institucionalizado, tornando-se parte do calendário cultural da Ilha do Mel, sempre com protagonismo da

comunidade pesqueira e apoio dos gestores públicos. Sua consolidação como roteiro interpretativo permanente poderia tanto reforçar a economia local quanto ampliar a conscientização dos visitantes sobre a importância da pesca artesanal.

Figura 7 Divulgação Caminhos da Tainha



Fonte: Olha o Peixe, 2025.

Comparando essas falas e experiências com outras comunidades pesqueiras do Brasil, percebe-se que a Ilha do Mel encontra-se em um estágio inicial no diálogo entre pesca e turismo. Na Reserva Extrativista do Mandira (SP), por exemplo, a produção de ostras tornou-se base de um turismo comunitário organizado, que gerou renda e fortaleceu a identidade local (Diegues, 2004). Já na Praia de Ponta Grossa (CE), moradores estruturam roteiros interpretativos que permitem ao visitante conhecer a pesca artesanal e suas histórias, sempre mediados por guias locais (Coriolano, 2009). Esses casos demonstram que, quando há organização e protagonismo comunitário, o turismo deixa de ser ameaça e passa a funcionar como aliado da preservação cultural. A Ilha do Mel, com sua tradição pesqueira e sua expressiva demanda turística, reúne

condições favoráveis para seguir caminho semelhante, desde que sejam criadas estratégias participativas de planejamento.

Assim, os resultados deste estudo apontam para quatro grandes consensos: a Pesca da Tainha é patrimônio Cultural; o turismo pode ser um aliado se for bem estruturado; há necessidade de mediação cultural com os visitantes; e a comunidade deseja protagonismo no processo. As divergências surgem em relação ao nível de abertura à presença de turistas durante a prática, oscilando entre maior cautela e maior receptividade. Esses pontos reforçam a importância de políticas públicas voltadas ao ordenamento da visita durante a “safra” da tainha, à capacitação de moradores para mediação cultural e à valorização da pesca como patrimônio cultural imaterial. A consolidação de eventos como o “Caminhos da Tainha”, quando articulados em rede com a comunidade, podem ser caminhos promissores para que o turismo na Ilha do Mel se desenvolva em harmonia com a tradição e a sustentabilidade.

5.1 A PESCA COMO TRADIÇÃO, SUSTENTO E IDENTIDADE COLETIVA

O primeiro eixo identificado nas entrevistas é o reconhecimento unânime do valor cultural da Pesca da Tainha. Morador 1 descreve seu vínculo afetivo com a atividade: “Eu nasci aqui e desde criança acompanho isso com minha família. Sempre foi uma coisa que envolvia todo mundo, desde preparar a rede, cuidar da canoa, até ajudar na hora de puxar o peixe. É uma cultura passada de pai para filho”. Essa fala evidencia um dos elementos ancestrais que definem o patrimônio cultural imaterial, a transmissão geracional dos saberes e das práticas, um processo que, segundo Irving (2015), fortalece o sentimento de pertencimento e a coesão comunitária.

O morador 2, por sua vez, traz um enfoque que combina identidade e subsistência: “Todo mundo aqui na Ilha espera essa época para, se juntar com os amigos (figura 8) e também trabalhar, pois isso mantém a nossa cultura, é um reforço e um refúgio do turismo que acontece aqui na Ilha”. Sua fala reforça o caráter estratégico da pesca no calendário econômico da comunidade, atuando como complemento de renda, e ao mesmo tempo, como momento de celebração coletiva. Esse período mobiliza redes de ajuda mútua, reforçando a solidariedade entre famílias e vizinhos.

Figura 8 Barracas de moradores na Praia do Miguel



Fonte: A autora (2025).

Já o morador 3, que trabalha como espia do morro (figura 9 e 10) e da pesca, oferece detalhes técnicos e organizacionais da pesca: “Tem que estar tudo certo, porque a tainha é rápida, não espera. É um trabalho de união, de família, de comunidade mesmo. E quem pesca junto reparte o peixe depois. É o justo”. Aqui evidencia-se um sistema de cooperação que não apenas garante eficiência na captura, mas também promove a distribuição equitativa dos frutos do trabalho, uma lógica distinta da economia de mercado convencional, mais próximo de princípios comunitários e solidários.

Figura 9 e 10, Espias olhando o peixe (A), Cabana do espia (B).



Fonte: A autora (2025).

Esse conjunto de elementos confirma que a Pesca da Tainha na Ilha do Mel não é apenas um meio de vida, mas sim uma expressão cultural integrada ao território, à memória coletiva e às relações sociais locais. Trata-se, como ressalta Diegues (2004), de um “modo de vida tradicional” que combina técnica, simbologia e organização social.

5.2 O OLHAR DA COMUNIDADE SOBRE O TURISMO: OPORTUNIDADES E RISCOS PERCEBIDOS

O segundo eixo que emerge das entrevistas está relacionada à presença e o impacto do turismo na Ilha do Mel, especificamente durante o período da Pesca da Tainha (Figura 11 e 12). Os entrevistados reconhecem que a atividade turística vem crescendo na região e que, em certa medida, desperta interesse pela prática tradicional. No entanto, todos apontam para a necessidade de maior informação e organização para que essa interação se torne benéfica tanto para visitantes quanto para a comunidade.

Figura 11 e 12 Comunidade empurrando o barco para o mar (B); Comunidade e turistas puxando a rede (A).



Fonte: A autora (2025).

O morador 1 observa que “tem turista que respeita, quer aprender, mas também tem gente que vem e nem sabe o que está acontecendo, como por exemplo na semana passada, a gente pede para não entrar no mar, para não espantar o cardume e um grupo de visitantes entrou”, apontando para a assimetria de conhecimento entre os moradores e os visitantes. Essa lacuna informativa, segundo ele, pode gerar situações de desconforto ou até mesmo de interferência prejudicial na atividade.

O morador 3, de maneira semelhante, enfatiza que muitos visitantes não compreendem a profundidade cultural da pesca: “Não entendem que é uma coisa séria, que tem história. Para nós, não é só trabalho, mas também é a nossa cultura”. A fala destaca um ponto importante do debate sobre o turismo cultural: o risco da folclorização, ou seja, da redução de práticas culturais complexas a simples performances para consumo turístico. Esse risco é recorrente em

estudos sobre comunidades tradicionais (Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009), que alertam para a necessidade de estratégias de mediação cultural que valorizem o protagonismo dos moradores.

O morador 4, amplia essa perspectiva ao sugerir que seria interessante encontrar “um jeito da comunidade mostrar isso de um jeito legal”, abrindo espaço para pensar em projetos interpretativos conduzidos pelos próprios pescadores e suas famílias. Experiências semelhantes são observadas em outras comunidades pesqueiras brasileiras, como na Praia de Ponta Grossa (CE) e na RESEX Marinha do Pirajubé (SC), onde moradores desempenham papel central na condução de passeios interpretativos, conciliando educação ambiental, valorização cultural e geração de renda (ICMBio, 2018).

Nesse sentido, as falas indicam, que embora haja preocupações com a interferência turística, também existe uma preocupação clara de que, se bem estruturado e mediado, ele pode se tornar um aliado na preservação da Pesca da Tainha. Essa ambivalência, e receio simultâneo, é um dado relevante para a formulação de propostas de TBC na região.

5.3 A ABERTURA DA COMUNIDADE AO TBC

Apesar das críticas às práticas turísticas desorganizadas, os entrevistados demonstram disposição em integrar a Pesca da Tainha as atividades turísticas da Ilha do Mel, já que é algo cultural e geracional, eles temem em acabar perdendo tal prática, pois os jovens já não participam de forma tão ativa na atividade pesqueira, desde que de forma respeitosa e com participação comunitária. Essa abertura dialoga diretamente com os princípios do TBC, que valoriza a autonomia das comunidades, a repartição justa dos benefícios e preservação dos modos de vida locais (Irving, 2015).

O morador 1 sintetizou esse posicionamento em sua fala: “Eu toparia participar, contar como funciona, explicar o que é o lanço, o jeito que a gente trabalha, sim. Acho que seria bonito mostrar isso com carinho e do nosso jeito. Mas precisa de apoio e organização. A comunidade sozinha não consegue”. A declaração expressa tanto o interesse em compartilhar a tradição quanto a consciência das limitações locais em termos de infraestrutura e organização, o

que aponta para a necessidade de parcerias institucionais que fortaleçam o protagonismo comunitário.

O morador 4, aprofunda essa visão, destacando a importância de mostrar ao turista não apenas o momento da captura, mas todo o processo cultural que envolve a pesca: “mostrar como que prepara a rede, como que olha a tainha do morro, como que divide depois (figura 13). Tudo isso é tradição. É coisa que vem dos antigos, se o turismo ajudar a manter isso, melhor ainda”. Essa fala revela uma compreensão de que o turismo pode ser uma ferramenta de valorização cultural, desde que não seja restringida ao espetáculo da captura, mas complemente os aspectos intangíveis, a memória e a organização social.

Figura 13 Tainha separada para distribuição.



Fonte: A autora.

Que entendam o que isso significa para a gente, não é só pescar, é tradição, é vida, se o turista quiser aprender, ver com respeito, pode ser bom. Pode até ajudar a manter a pesca viva. Mas tem que ser com cuidado”. Sua fala

traduz um dos principais pontos do TBC: a atividade turística precisa ser construída em diálogo com a comunidade, respeitando seus limites e valores.

No caso da Ilha do Mel, as falas dos entrevistados apontam que a chave para esse processo está no diálogo entre comunidade, gestores públicos e atores do trade turístico, garantindo que os moradores sejam protagonistas no desenho e implementação das iniciativas.

5.4 SÍNTESE COMPARATIVA: CONSENSOS, DIVERGÊNCIAS E IMPLICAÇÕES

A leitura cruzada das 4 entrevistas realizadas, revela um conjunto de elementos recorrentes que compõem um núcleo de consensos sobre a relação entre a Pesca da Tainha e o Turismo na Ilha do Mel.

No plano de consenso, todos os entrevistados reconhecem:

- a) A pesca como patrimônio cultural e elemento identitário, mais do que atividade econômica, a pesca é tratada como herança coletiva, carregada de memórias, valores e técnicas transmitidas entre gerações.
- b) O turismo como potencial aliado, desde que seja conduzido de maneira organizada, com respeito à tradição e protagonismo comunitário.
- c) A necessidade de mediação cultural, todos concordam que falta informação e orientação aos turistas, e que a presença de um morador explicando o processo poderia evitar conflitos e enriquecer a experiência.
- d) A importância da partilha e do trabalho coletivo, o sistema de divisão do pescado e a cooperação na pesca são vistos como elementos que fortalecem o tecido social.

No plano de divergências, há diferenças sutis relacionadas ao grau de abertura à presença turística durante o momento da pesca. Enquanto Morador 1 e 2 se mostram mais cautelosos, enfatizando a importância de preservar o ritmo e o “jeito” tradicional, morador 3 demonstra mais confiança na possibilidade de conciliar a prática com a presença de visitantes, desde que bem orientados. Essas variações não indicam oposição ao turismo, mas sim níveis diferentes de preocupação com o risco de descaracterização.

Quando comparadas com experiências de outras comunidades pesqueiras no Brasil, as falas da Ilha do Mel revelam um estágio ainda inicial de diálogo estruturado entre turismo e tradição. Na Praia de Ponta Grossa (CE), por exemplo, já existem roteiros interpretativos, consolidados, nos quais o visitante é acompanhado de um guia local que contextualiza a prática (Coloriano, 2009). Já na RESEX Marinha do Pirajubaé (SC), ações educativas e de ordenamento especial reduzem os impactos da visitação sobre as atividades tradicionais (ICMBio, 2018).

Essas comparações sugerem que a Ilha do Mel poderia se beneficiar de estratégias semelhantes, adaptadas às suas especificidades, como:

- a) Criação de roteiros interpretativos conduzidos por pescadores locais;
- b) Instalação de sinalização informativa sobre a Pesca da Tainha e as regras de aproximação durante a captura;
- c) Capacitação comunitária para mediação cultural;
- d) Parcerias entre associações de pescadores, orgãos ambientais e operadores tursticos para a gestão conjunta da atividade.

Tais medidas estariam alinhadas às diretrizes do TBC e as políticas de conservação previstas para áreas de uso sustentável, como as UC's presentes na Ilha do Mel.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidenciou a importância da pesca artesanal da tainha na Ilha do Mel como prática tradicional, profundamente enraizada na cultura caiçara e na identidade da comunidade local. Mais do que uma atividade econômica, a pesca se mostrou como expressão de sociabilidade, memória coletiva e saberes transmitidos entre gerações, compondo um patrimônio imaterial de grande relevância.

O principal objetivo deste estudo foi compreender de que forma a pesca da tainha pode se tornar um elemento de fortalecimento do turismo na Ilha do Mel, contribuindo para o desenvolvimento de um modelo de turismo sustentável e de base comunitária. Buscou-se analisar a percepção dos moradores sobre essa prática e investigar o potencial da atividade pesqueira como atrativo turístico, sem comprometer seus valores culturais e ambientais.

Os resultados da pesquisa de campo revelaram que, embora a pesca da tainha seja um marco simbólico e cultural, sua relação com o turismo ainda é limitada e, em alguns casos, marcada por tensões. A ausência de uma mediação adequada e de informações claras para os visitantes gera situações de desentendimento e fragilidade na valorização dessa prática. Ainda assim, identificou-se que os moradores demonstram abertura para que o turismo se desenvolva em consonância com a pesca, desde que respeite seus valores, ritmos e modos de vida.

Iniciativas como o evento “Caminhos da Tainha”, promovido por guias locais, mostraram-se como experiências significativas, capazes de integrar o visitante à tradição da pesca de forma educativa e interpretativa. Essa proposta dialoga diretamente com os princípios do Turismo de Base Comunitária, no qual o protagonismo dos moradores e a valorização da cultura local constituem pilares centrais para a construção de um turismo mais justo e sustentável.

Observou-se também que a pesca da tainha pode funcionar como um eixo articulador entre conservação ambiental, fortalecimento da identidade cultural e desenvolvimento econômico. Para isso, é fundamental que sejam elaboradas políticas participativas e projetos que promovam a inclusão da comunidade nos

processos de decisão, garantindo que o turismo seja percebido como aliado e não como ameaça às práticas tradicionais.

Cabe destacar, entretanto, que esta pesquisa apresenta limitações, principalmente quanto ao número reduzido de entrevistas e ao recorte temporal do trabalho de campo, realizado em um curto período. Assim, recomenda-se que estudos futuros possam ampliar a amostragem, aprofundar a análise das dinâmicas entre turismo e pesca e considerar também a percepção dos visitantes e gestores públicos. Com mais tempo e recursos, seria possível desenvolver pesquisas complementares que contribuam para o avanço do turismo como área de conhecimento, especialmente no campo das práticas sustentáveis e comunitárias.

Conclui-se, portanto, que a valorização da pesca artesanal da tainha representa uma oportunidade para consolidar a Ilha do Mel como destino que alia preservação cultural, sustentabilidade e turismo responsável. Ao reconhecer o protagonismo da comunidade local e incentivar práticas de turismo de base comunitária, abre-se caminho para que a tradição da pesca não apenas seja preservada, mas também ressignificada como elemento de identidade, aprendizado e geração de renda para as futuras gerações.

REFERENCIAS

ADAMS, Cristina. **Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento ambiental**. São Paulo: Annablume, 2000.

ALVES, M. Turismo de base comunitária: construção de um conceito a partir da experiência brasileira. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 7, n. 2, p. 234–257, 2013.

BECATTINI, N. **O que é turismo de base comunitária e como você pode ter essa experiência**. 2023. Disponível em: <https://natybecattini.com.br/turismo-de-base-comunitaria/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica. **Jornal da ABENO**, v. 6, n. 1, p. 39–44, 2006.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. [S. l.], p. 1–13, 23 abr. 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/santo/Downloads/bbolda,+em_tese_2005_05_PDFA%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/santo/Downloads/bbolda,+em_tese_2005_05_PDFA%20(1).pdf). Acesso em: 15 nov. 2024.

BOMBINHAS. **16ª Missa de Abertura da Pesca da Tainha de Bombinhas**. Disponível em: <https://bombinhas.sc.gov.br/16a-missa-de-abertura-da-pesca-da-tainha-de-bombinhas/>. Acesso em: 4 set. 2025.

BURGOS, A.; MERTENS, F. As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa. **Tourism & Management Studies**, v. 12, n. 2, 2016.

BURSZTYN, I; BARTHOLO, R; DELAMARO, M. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 3, n. 1, p. 34–53, jan./abr. 2009.

BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURS ZTYN, I. (org.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2015. p. 101–123.

CABRAL, B. L. F.; TEIXEIRA JUNIOR, D. Turismo de Base Comunitária, Culinária e Cultura Alimentar: um estudo de caso no litoral do Paraná. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 20, n. 3, 2020.

CORIOLOANO, L. N. M. T. et al. **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza: Ed. UECE, 2009, 312 p.

DENKEWICZ, P.; MARTINS, B. M.; GONZAGA, C. A.; HARDER, E. Turismo e bens patrimoniais: a dinâmica da cultura caiçara na Ilha do Mel – Paraná. **Turismo: Visão e Ação**, v. 23, n. 3, p. 496–515, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/rtva.v23n3.p496-515>. Acesso em: 17 nov. 2024.

DIÁRIO DO NORDESTE. Turismo comunitário destaca Ponta Grossa. 2014. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br>. Acesso em: 2 jul. 2025.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRIGO, S. Gênero, ambiente e técnica na pesca da tainha de Encantadas. Trabalho apresentado no Seminário de Antropologia da UFPR. Curitiba: UFPR, 2018.

FUNBIO. Conservação marinha: RESEX como espaço de governança comunitária. 2023. Disponível em: <https://sitehom.funbio.org.br/gef-mar-conservacao-marinha/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIMM, I. J.; SAMPAIO, C. A. C. Turismo de base comunitária: convivencialidade e conservação ambiental. **Brazilian Journal of Environmental Sciences (RBCIAMB)**, n. 19, p. 57–68, 2011.

ICMBIO. RESEX Terra Grande–Pracuúba inicia trabalho em turismo de base comunitária. 2024. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br>. Acesso em: 2 jul. 2025.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA (IAT). Parque Estadual da Ilha do Mel (PEIM). Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Parque-Estadual-da-Ilha-do-Mel-PEIM>. Acesso em: 17 nov. 2024.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA (IAT). Plano de Controle Ambiental da Ilha do Mel. Curitiba: IAT, 2018. Disponível em: https://www.iat.pr.gov.br/sites/agua-terra/arquivos_restritos/files/documento/2020-07/pe_ilha_mel_conteudo.pdf. Acesso em: 17 nov. 2024.

IPHAN. A pesca da tainha na Ilha do Mel: territorialidades, sociabilidades e técnicas. 19. ed. Curitiba: IPHAN, 2012.

Irving, M. A. (2009). Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: Bartholo R., Sansolo D. G., & Bursztyn, I. (Orgs.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. (pp. 108-121). Rio de Janeiro: Letra e Imagem.

IBGE. Cidades – Paranaguá (PR). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/paranagua>. Acesso em: 2 ago. 2025.

JBLITORAL. Pesca da tainha na Ilha do Mel: pescadores iniciam preparativos para a temporada. 2024. Disponível em: <https://jblitoral.com.br/cidades/pesca-da-tainha-na-ilha-do-mel-pescadores-iniciam-preparativos-para-a-temporada/>. Acesso em: 2 out. 2024.

MALDONADO, C. A. Turismo de base comunitária e economia solidária: convergências e desafios. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 1, p. 41–58, 2009.

NASCIMENTO, E. C. Malhas da reciprocidade: a pesca coletiva da tainha na Ilha do Mel. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2015.

OLHA O PEIXE. Caminhos da Tainha. Disponível em: <https://loja.olhaopeixe.com.br/caminhos-da-tainha>. Acesso em: 5 out. 2025.

PARANÁ. Instituto Água e Terra (IAT). Plano de Controle Ambiental da Ilha do Mel. Curitiba: IAT, 2018.

SANTOS, A. dos. Espacialização da pesca artesanal de camboas com subsídio de imagem do Google Earth Pro: estudo de caso na zona costeira estuarina do Baixo Sul da Bahia, Brasil. Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/21757925.2013v26n2p249>. Acesso em: 4 set. 2025.

SILVA, J. K. da. Pesca artesanal com rede de camboa no estuário da Reserva Extrativista de Canavieiras, Bahia. Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2013v26n2p249>. Acesso em: 4 set. 2025.

SILVA, A. L. da; MALTA, L. A. M.; SÁ, A. S. S. Turismo de base comunitária: perspectivas para o desenvolvimento sustentável no Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 25, p. 147–156, 2016.

SILVANO, Renato A. M. Pesca artesanal e conhecimento local de populações litorâneas no Brasil: uma revisão. *Interciência*, v. 22, n. 6, p. 279–285, 1997.

SOUZA, D. S. A pesca artesanal da tainha (*Mugil liza*) no litoral sul do Brasil: aspectos culturais e socioeconômicos. 2004. Disponível em: file:///C:/Users/santo/Downloads/documento_79143.pdf. Acesso em: 4 set. 2025.

SAMPAIO, C. A. C. e CORIOLANO; L. N. Dialogando com experiências vivenciadas em Marraquech e América Latina para compreensão do turismo comunitário e solidário. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v. 3, n. 1, p. 4-24, abril 2009.

TACFRADE. Turismo comunitário fortalece comunidades tradicionais da Costa Verde. 2023. Disponível em: <https://tacfrade.org.br>. Acesso em: 2 jul. 2025.

TELLES, D. H. Q.; GÂNDARA, J. M. G. Desenvolvimento do turismo e questões socioambientais na Vila de Encantadas, Ilha do Mel-PR: uma análise a partir da perspectiva da sociedade local. *Turismo – Visão e Ação*, v. 11, n. 1, p. 23–40, 2009.

VIAJE PARANÁ. Ilha do Mel. Viaje Paraná, 2019. Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Ilha-do-Mel>. Acesso em: 5 out. 2024.

APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Ainda não salvo

3. Riscos e benefícios

A pesquisa não oferece riscos físicos, mas pode envolver o relato de experiências pessoais. Caso haja desconforto, você poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Os benefícios esperados são de natureza acadêmica e sociocultural, contribuindo para valorizar as práticas locais e o reconhecimento da importância da pesca artesanal como elemento do turismo sustentável na Ilha do Mel.

4. Garantia de sigilo e anonimato

As informações fornecidas serão tratadas de forma confidencial. Nenhum nome será divulgado, e as falas poderão ser apresentadas de forma anônima ou codificada nos resultados da pesquisa.

5. Consentimento

Declaro que recebi as informações acima, fui esclarecido(a) sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e concordo em participar voluntariamente. Estou ciente de que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

Data: ___ / ___ / 2025

Pesquisadora responsável: _____
Karla Morgana Palhano dos Santos